

EMOÇÃO E MEDO FAZEM MULHERES AGREDIDAS RETIRAR DENÚNCIAS E AGRESSORES FICAM IMPUNES

AS AMÉLIAS PERDOAM



Karina Falcone
Da equipe do **Correio**

Mulheres agredidas pelos maridos, companheiros ou ex-maridos vão aos tribunais pedir que a Justiça faça como elas: perdoe homens capazes de esfaquear, torturar e espancar. Em casos relacionados à violência contra a mulher, o Tribunal do Júri do Distrito Federal não condenava um acusado por tentativa de homicídio havia pelo menos cinco anos. O depoimento da vítima, muitas vezes negando o próprio sofrimento, influenciava os jurados e faz com que os agressores fiquem impunes.

Valderson Barbosa de Souza, 26 anos, foi condenado semana passada a cinco anos e meio, em regime semi-aberto, por tentar matar a sua mulher, Sirlene Maria da Silva, 26 anos. Foram nove anos espancando e ameaçando de morte a companheira. Em 10 de junho de 1994, Valderson cumpriu a promessa: deu três facadas em Sirlene, que como seqüela teve o rim direito retirado, além das cicatrizes que carregará pela vida inteira. Ainda assim, se dependesse apenas do depoimento da mulher, Valderson seria absolvido.

O crime ocorreu nas proximidades do parque da 114 Sul e assistido pela filha de Sirlene, que na época tinha 9 anos. A juíza Leila Cury ela disse que já havia perdoado o marido. E que não via a hora de tudo “aquilo” acabar para eles poderem, novamente, formar uma família. “É preciso perdoar. Ele mudou. Parou de beber. Tenho certeza que nunca mais vai me bater”, testemunhou Sirlene.

Quando Valderson tentou matar a mulher, o casal estava separado. Ainda assim ele tramou a vingança, com a suspeita de que estava sendo traído. Antes da tentativa de homicídio, Sirlene sofreu vários tipos de agressões. O primeiro filho dos dois foi abortado, devido a um chute que ele deu na barriga da mulher, quando ela estava no terceiro mês de gravidez. “Se ele beber, se transforma. Vira bicho”, contou.

IMPUNIDADE

A filha que Sirlene teve com o primeiro marido também foi vítima de Valderson. A menina levava pancadas, repetindo-se o cotidiano de violência da mãe. Foi ela quem salvou Sirlene com gritos de socorro, quando o homem as atacou, na rua, com um faca de 26 centímetros. “Minha filha esqueceu tudo. Não tem medo dele. Podemos viver bem”, confia a mulher.

Após os dez dias que passou internada no Hospital de Base, para se recuperar das facadas, Sirlene voltou a encontrar Valderson. Dos encontros, veio o segundo filho do casal, que tem um ano e dois meses. Hoje, ela mora sozinha com as três crianças, num barraco em Sobradinho. Valderson mora com a mãe, em Planaltina, e visita a família, levando dinheiro e comida. “Se ele ficar preso, quem vai me ajudar?”, perguntou Sirlene no Tribunal.

O perdão da mulher influencia jurados e juízes, liberta homens violentos e estimula a impunidade. Segundo a promotora Maria José Miranda, mais de 90% dos casos de violência doméstica levados a julgamento no Distrito Federal ficam sem culpados. “Elas prestam queixa nas delegacias, movimentam toda a estrutura pública, para depois pedir a absolvição dos seus agressores”, diz a promotora.